





Editorial — Abater fronteiras: ciência, crítica, criadores e vida

[10.29073/naus.v7i1.923](https://doi.org/10.29073/naus.v7i1.923)

Luísa Paolinelli , Universidade da Madeira, Portugal, marinho@staff.uma.pt.

Vanda de Sousa , ESCS-IPL, Portugal, vsousa@escs.ipl.pt.

Vanessa Cavalcanti , Universidade Federal da Bahia, Brasil, vanessa.cavalcanti@ufba.br.

Isabel Lousada , NOVA FCSH, Portugal, isabel.lousada@fcs.unl.pt.

“Ensaio e crítica como aprendizagem e humildade, maneira de sublinhar, na nossa vida, o eco que teve em nós um verso de Cesário, uma imagem de Eugénio de Andrade, uma frase de Eduardo Lourenço, a passagem sensível de um ensaio de Cleonice Berardinelli, voltar a ler é um ver para reter, porque na vida retemos imagens e somos feitos também das imagens que se retêm. Ao retermos os dias, lemos e somos lidos; interpelamos os textos que nos interpelam e o movimento da própria existência, disso se faz: desse ritmo, dessa respiração que vem dos textos para nós e vai de nós para os textos.” (Cortez 2019, p. 18)

António Carlos Cortez relembra, na introdução ao seu livro *Voltar a Ler — Alguma Crítica Reunida*, as palavras de T.S. Eliot sobre o crítico, em *Ensaio de Doutrina Crítica*: tem de ser um homem total, um homem de convicções e de princípios, com conhecimento e experiência de vida. Aponta o autor inglês para a leitura, a pesquisa e a crítica como uma atividade humana e humanista e, por consequência, como uma atividade atuante e responsável no que nos rodeia. No fundo, convoca para a crítica uma postura cognitiva, ontológica e ética. O crítico português, imbuído dessa ideia, considera que “falar de literatura” é transversalmente falar de Humanismo ou do valor das Humanidades. Estrutura, além disso, ou talvez por isso, o seu pensamento no abatimento de fronteiras entre literatura e crítica, considerando a emoção, a aprendizagem e o impulso ético que o leitor experiencia tanto através de um verso, de uma frase de um ensaísta ou de um texto de um crítico.

O volume da revista que agora se apresenta a público poderia ter exatamente como título precisamente a superação de divisões, por vezes verdadeiras fronteiras, entre não só áreas do saber, como também entre literatura e crítica, crítica e vida. Uma espécie de surpreendente afirmação face aos que, grandemente influenciados por anátemas estruturalistas, desconsideraram durante décadas a crítica temática (sincrónica) e a tematológica (diacrónica e comparatista), considerando-as como uma espécie de herança da crítica oitocentista. Uma afirmação também perante os que tendem a considerar mais as fronteiras do que os diálogos entre áreas, apesar da valorização da inter e multidisciplinaridade, e os que consideram a crítica como experiência distante da experiência comum.

Das histórias de vida de académicos, em que se entrelaçam memória e representações, no ensaio “**Gênero e histórias de vida e formação de alunos LGBTQIAPN +: representações à luz da semiótica discursiva**”, às temáticas tratadas nas obras de autores como Luis Fernando Verissimo (“**O Clube dos Anjos. Comer: viver ou morrer?**”), Carola Saavedra (“**O corpo materno em movimento na escrita de Carola Saavedra**”), Jorge Luis Borges (“**Os labirintos polifônicos de A Intrusa**”), os estudos e a crítica medeiam entre o texto e o leitor, provocando-o e guiando-o num percurso de reconhecimento e responsabilização. O mesmo efeito têm os ensaios que versam sobre educação e a importância da literatura no currículo escolar como instrumento de humanização e de transformação, caso de “**A literatura nos documentos oficiais da educação básica brasileira**”, e sobre a questão da efetiva inclusão, ou não, na educação (“**Decreto-lei 54/2018: para uma educação realmente inclusiva?**”). Estes dois ensaios adotam uma perspetiva antropológica, sociológica e cultural no estudo da documentação oficial no sentido de melhorar as condições educativas reais dos discentes. Estes ensaios cruzam-se com um outro no campo da linguística, mais especificamente da terminologia, chamando a atenção para a importância da comunicação numa área científica e entre áreas (“**O uso terminológico de campos lexicais académicos em relatos reflexivos escritos em língua inglesa por professores em pré-serviço nos estágios supervisionados**”). É, aliás, precisamente o cruzamento entre saberes que se pretende, ao incluir neste



número, as estratégias de marketing que influenciam o nosso quotidiano (“**The influencing factors in the purchase process of the breakfast cereals**”).

Um verdadeiro abater de fronteiras entre literatura e crítica encontra-se no ensaio “**Do que não Existe... Paisagens (inter-artes) do que passou a existir, pela escrita demiúrgica de Annabela Rita**”, em que se percorre a obra crítica e teórica de Annabela Rita como escrita reveladora. O texto que tem como base uma obra literária e a explora não é um discurso de segunda ordem, mas um conjunto de gestos, emoções e uma escolha humanista que impregna de presença a obra do crítico. Ele é o ser total, com convicções e princípios, com conhecimento e experiência de vida, para retomar as palavras de T. S. Eliot, que possui um “ethos”, lembrando Roland Barthes: que é ao mesmo tempo de onde vem o discurso e o que nasce do discurso, conteúdo e formulação, afetividade e valores, comprometimento e criação. O bom crítico é, de facto, um criador, um escritor. Por isso, nos emocionamos com Eduardo Lourenço e Berardinelli.

Este número tem como base, no fundo, a crítica e a investigação como crítica da cultura, da sociedade, da vida, a partir de uma atitude aberta ao conhecimento. São textos fruto de um impulso em direção à humanização através da literatura, da educação, da linguística, da sociologia, da comunicação, do marketing. São vozes que pensam sobre os conceitos de compromisso e democracia, de juízos de valor, de vida e do bom senso, procurando, através do método e da ciência, abater fronteiras também na vida.

A entrevista que faz parte deste número vai justamente nesse sentido. “**Educação como lugar feminista: experiências, metodologias e criação de redes**”, realizada por Flávia Nogueira Gomes e Gabriela M. P. Lins Vergolino a Vanessa Cavalcanti, sublinha a consciência de uma educação transformadora, a partir da prática feminista presente na atuação da entrevistada enquanto docente. A importância da promoção da circulação de saberes, a partir de uma prática pedagógica descolonizadora do género e das tendências hegemónicas, revela a adesão ao abatimento de fronteiras entre a universidade, a academia e os seus discursos realizados intra-muros, e a sociedade, assumindo o ensino superior o seu papel numa necessária e vital intervenção na sociedade no sentido de a tornar mais esclarecida, mais humanizada e, por isso, mais capaz de se emocionar, responsabilizar e agir eticamente.

As resenhas a **Análise de discurso em perspectivas (2022)**, de João de Deus Leite, Janete Silva dos Santos e Felipe Gonçalves Carneiro, a **A Chave de Luneta (2021)**, de Primo Levi, e a **O livro de Margery Kempe: análise e tradução da primeira autobiografia escrita em língua inglesa**, de Fernanda Nunes (2023), fecham este número com vozes que, de diferentes formas, procuraram através das suas escritas contribuir para uma diferente e mais alargada análise do mundo.

Referências

Cortez, Á. C. (2019). *Voltar a Ler — Alguma Crítica Reunida (Sobre Poesia, Educação e Outros Ensaios)*. Gradiva.

Declaração Ética

Conflito de Interesse: Nada a declarar. **Financiamento:** Nada a declarar.



Todo o conteúdo da **NAUS — Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais** é licenciado sob [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.